

WALTER BENJAMIN, UM DIÓGENES BERLINENSE EM PARIS

Augusto Bruno de Carvalho Dias Leite

RESUMO

A figura do *trapeiro* [chiffonnier], apesar de marginal dentro da obra de Walter Benjamin, possui um papel decisivo para compreender a dinâmica do método proposto e empregado por Benjamin para a pesquisa e escrita da história. Este artigo propõe desenhar não apenas o motivo do trapeiro desempenhar tal papel, mas também desenvolver a comparação que Felix Pyat realiza entre trapeiro e Diógenes, o filósofo cínico.¹

Palavras-chave: Walter Benjamin. Diógenes. Trapeiro. Colecionador. História.

WALTER BENJAMIN, A DIÓGENES BERLINENSE IN PARIS

ABSTRACT

The figure of the rag-picker [chiffonnier], although marginal in the Walter Benjamin's work has a decisive role in order to understand the dynamics of the proposed method to the research and writing of history employed by Benjamin himself. This article proposes to draw not only the reason rag-picker play such a role, but also develop the comparison that Felix Pyat place between rag-picker and Diogenes, the Cynic.

Keywords: *Walter Benjamin. Diogenes. Rag-picker. Collecto. History.*

¹ Este texto é um extrato modificado de minha dissertação de mestrado defendida pelo programa de pós-graduação em história da UFMG no ano de 2013 intitulada *A Ideia de História em Walter Benjamin : o passado, a forma e a tradução*.

Doutor pela UFMG. Brasileiro, residente em Alter do Chão - Santarém, Pará. E-mail:
augustobrunoc@yahoo.com.br.

*Já não coleciono selos. O mundo me inquiliza.
Tem países demais, geografias demais.
Desisto.
(...)
Agora coleciono cacos de louça
quebrada há muito tempo.
Cacos novos não servem.
Branco também não.
Têm de ser coloridos e vetustos,
desenterrados — faço questão — da horta.
Guardo uma fortuna em rosinhas estilhaçadas,
restos de flores não conhecidas.
(...)
um ouro desprezado
(...)*

(Carlos Drummond de Andrade, "Coleção de Cacos")

Tanto o colecionador [*der Sammler*] quanto o trapeiro [*chiffonnier*]² são personagens que se apresentam no trabalho das *Passagens* como semelhantes ao historiador. Trapeiro, o “catador” de papéis, trapos, sucata, surge como figura típica da Paris do século XIX, torna-se uma profissão largamente difundida pela facilidade de acesso e pela demanda que a própria cidade em profusão institui. Crianças ou velhos, bastava um cesto, um gancho e uma lanterna para se tornar um *chiffonnier* da cidade que exibia um número cada vez maior de detritos, resultado da rápida industrialização e maquinação da sociedade. O trapeiro, então, figura típica da Paris do *XIXè siècle*, aparece pouco na obra das *Passagens*, mas se relaciona quase que imediatamente com o colecionador, figura mais bem trabalhada nas passagens a quem Benjamin reserva um convoluto próprio, o convoluto H. O trapeiro seria uma espécie de colecionador; o colecionador, por sua vez, um trapeiro em potencial. Ambos lidam com objetos colecionados. E o interesse de Benjamin nas duas figuras está na forma com que cada um deles se relaciona com sua coleção, pois nessa relação se encontra o caráter conservador ou revolucionário-inovador destes que, nos termos do próprio Benjamin, assemelham-se ao historiador.

É decisivo na arte de colecionar que o objeto seja desligado de todas as suas funções primitivas, a fim de travar a relação mais íntima que

² “Le chiffonnier apparaît tardivement dans l’oeuvre de Benjamin, mais il semble que le philosophe, mort avant d’achever son oeuvre, voulait lui donner une place décisive” (BERDET, 2012, 426).

Doutor pela UFMG. Brasileiro, residente em Alter do Chão - Santarém, Pará. E-mail: augustobrunoc@yahoo.com.br.

se pode imaginar com aquilo que lhe é semelhante. Essa relação é diametralmente oposta à utilidade e situa-se sob a categoria singular da completude. O que é esta “completude” <?> É uma grandiosa tentativa de superar o caráter totalmente irracional de sua *mera existência* [presença] [blossen Vorhandenseins] através da integração em um *sistema histórico* [historisches System] novo, criado especialmente para este fim: a coleção. É para o verdadeiro colecionador, cada uma das coisas torna-se neste sistema uma enciclopédia de toda a ciência da época, da paisagem, da indústria, do proprietário do qual provém. O mais profundo encantamento do colecionador consiste em inscrever a coisa particular em um círculo mágico no qual ela se *imobiliza* [se torna petrificada – erstarrt] enquanto a percorre um último *estremecimento* [excitação – der Schauer] (o estremecimento de ser adquirida). [H 1a, 2]³

O objeto a ser colecionado, segundo o fragmento citado, deve ser destituído de qualquer função original. Somente assim o objeto colecionado apresenta-se em sua forma potencial total. Esse objeto deve ter a função semelhante a de um “trapo” sem nenhuma função clara. O que antes fora um objeto com uso definido, comporta-se como um trapo para o “coleccionador autêntico”. E o método para extrair do objeto-trapo sua existência autêntica, retirando-o de sua *mera presença*, é o choque dialético com sua *atualidade*. No fragmento citado do trabalho das *Passagens*, esse *choque* dialético chama-se *estremecimento, excitação*.

Neste fragmento, Benjamin reafirma aquilo que diz a Theodor Adorno em uma carta de 9 de dezembro de 1938, na qual responde às inquietações de Adorno acerca de seu método, que nas palavras do filósofo berlinense estão na “encruzilhada da magia e do positivismo”⁴, pois não apresenta nenhuma mediação entre o conhecimento em si e a sua exposição. Benjamin responde à Adorno que o que ele enxerga como “ausência de mediação” é o próprio método de seu trabalho, o mero mostrar, o simples ato de expor, a *apresentação* [Darstellung]. Tal método é elaborado de maneira clara no prefácio à obra sobre o drama trágico alemão, mas pode ser observado em toda obra benjaminiana. “As linhas básicas desse tipo de construção [da apresentação] convergem em

³ As referências ao *Passagen-Werk* [Passagens] virão apenas com a numeração do fragmento entre colchetes. A tradução utilizada, naturalmente, é a da edição brasileira (Cf. BENJAMIN, 2006). Os trabalhos reunidos aparecem como GS, e as cartas como B, sempre seguidos de tomo, volume e número da página.

⁴ “Wollte man sehr drastisch reden, so könnte man sagen, die Arbeit sei am Kreuzweg von Magie und Positivismus angesiedelt. Diese Stelle ist verhext. Nur die Theorie vermöchte den Bann zu brechen [Dito de maneira dramática, pode-se dizer que seu trabalho está localizado na encruzilhada da magia e do positivismo. Este lugar (a encruzilhada) está amaldiçoado. Apenas a teoria pode quebrar o feitiço].” (B, II, 786)

Doutor pela UFMG. Brasileiro, residente em Alter do Chão - Santarém, Pará. E-mail: augustobrunoc@yahoo.com.br.

nossa própria experiência histórica [o núcleo histórico da verdade]. Dessa forma o objeto se constitui ele mesmo como uma mônada” (B, II, 794). A compreensão de um objeto ou fenômeno é, sempre, nesses termos, histórica. Nesse sentido, é apenas através da *perplexidade* [*Verwundern*] (Cf. B, II, 794), do choque sensível entre objeto apresentado e a experiência individual atual que o objeto a ser compreendido se compreende e se expõe, momentaneamente, em um *Jetztzeit* [tempo-do-agora], no átimo que Benjamin chama de *agora de sua cognoscibilidade*; sua forma específica é uma *imagem dialética* (Cf. B, II, 794). Imagem em seu sentido bruto e objetivo de *imagem de pensamento*. Com efeito, trata-se de uma observação de Benjamin que diz respeito à maneira como o colecionador deve proceder diante de seu objeto enquanto trapeiro. O colecionador, segundo Benjamin, deve extrair dos objetos colecionados toda carga semântica dada pela tradição para que este objeto se expresse por si mesmo ao entrar em choque com o seu “leitor”. O objeto colecionado deve, assim, organizar-se enquanto trapo, pois seu valor se encontra precisamente em “não-ser”, mas se dispor a ser, conforme a leitura.

O objeto sem valor, o trapo, evoca a figura do trapeiro, pouco presente na obra benjaminiana, mas decisivamente uma peça-chave para sua teoria da história. No convoluto J, dedicado à Baudelaire, uma citação de Félix Pyat, o revolucionário, jornalista e escritor, evoca o *chiffonnier* de Paris. Trata-se da citação de uma passagem da peça teatral escrita por Pyat de nome *Le Chiffonnier de Paris* [*O Trapeiro de Paris*]⁵, cujo teor da citação compara o trapeiro a Diógenes, o filósofo cínico da antiguidade clássica, no sentido de que ambos fazem da “pobreza” sua virtude (Cf. [J 88 / J 88a, 1]). Além da imediata conexão com as massas que o trapeiro estabelece por seu ofício, pelo material que arregimenta ser o “confuso material que vomita Paris” [*Vomissement confus de l'énorme Paris*] (BAUDELAIRE, 1996, 142), a pobreza, a falta de sentido imediato de todos os trapos que carrega o trapeiro fazem dele, por esses termos, o colecionador ideal, para Benjamin. “É pouca coisa Paris vista no cesto do

⁵ Em referência à duas de suas peças, *Diógenes* e *Le Chiffonnier de Paris*, o jornalista e dramaturgo Félix Pyat diz que *Le Chiffonnier*, peça que “teve a honra de ser condenada”, encenada em 24 de fevereiro de 1848 (dia da proclamação da segunda república francesa), foi naquele dia aplaudida de pé por todos, ao som dos cahões e da Marselhesa, em versão ligeiramente alterada, em alto e bom som: “Allons enfants de la courtine, le jour de boire est arrivé!” (Cf. PRZYBOS, 2012, 70)

Doutor pela UFMG. Brasileiro, residente em Alter do Chão - Santarém, Pará. E-mail: augustobrunoc@yahoo.com.br.

trapeiro... E dizer que tenho toda Paris, ali, naquele balaio” (Passagens, 427 [J 88a, 4]). Paris do século XIX, objeto do trabalho das *Passagens*, estaria, ali, de uma forma específica, no balaio do trapeiro. E para penetrar historicamente tal época, o trapeiro é o dono da metodologia benjaminiana para a historiografia.

(...) Existe na humanidade uma enorme quantidade de cacos de garrafa, pregos que se soltaram e tocos de velas que estariam completamente perdidos para a sociedade se alguma mão cuidadosa e inteligente não se encarregasse de recolher todos esses objetos sem valor, e reconstituí-los numa massa suscetível de ser reelaborada e devolvida de novo ao consumo. Essa tarefa importante entra nas atribuições do avarento... Aqui, o caráter e a missão do avarento se elevam visivelmente: o sovina torna-se trapeiro... O porco é o grande trapeiro da natureza; ele não engorda as custas de ninguém. [W 7a, 4]

Ou seja, o trapeiro comporta-se, tal como o avarento, arregimentando, recolhendo objetos indiferente ao seu valor primevo, para, então, descobrir que a ausência inicial de valor revela, paradoxalmente, seu valor atual ou autêntico. Da mesma maneira que a criança do “Canteiro de Obras”, de *Rua de Mão Única* (1928), que dispensa os brinquedos de significado pré-estabelecidos para se dedicar a potência criativa dos objetos desprezados pelo mundo, detritos de uma obra, por exemplo, o trapeiro encontra nestes detritos, no desprezo do objeto insignificante, a potência para o descobrimento dos significados encobertos pelo sentido original.⁶ O trapeiro descobre, assim, sentidos encobertos.

(...) O salário do trapeiro, assim como o do operário, é inseparável da prosperidade da indústria. Esta possui, como a natureza, o sublime privilégio de se reproduzir com seus próprio dejetos. [J 89, 4]

O trapeiro é a figura mais provocadora da miséria humana. Lumpemproletário num duplo sentido: vestindo trapos e ocupando-se de trapos. “Eis um homem encarregado de recolher o lixo de cada dia da capital. Tudo o que a cidade grande rejeitou, tudo o que ela perdeu, tudo o que desdenhou, tudo o que ela destruiu, ele cataloga e coleciona. Ele consulta os arquivos da orgia, o cafarnaum dos detritos. Faz uma triagem, uma escolha inteligente; recolhe, como um avaro um tesouro, as imundícies que, ruminadas pela divindade da Indústria, tornar-se-ão objetos de utilidade ou de prazer”. [J 68, 4]

O colecionador-trapeiro acessa os dejetos da história. Ele acessa aquilo que cada época não desejou, descartou ou relegou ao esquecimento de forma intencional ou tácita. Por isso somente o colecionador-trapeiro parece penetrar

⁶ Devo esta analogia perspicaz a professora Tereza Callado.

Doutor pela UFMG. Brasileiro, residente em Alter do Chão - Santarém, Pará. E-mail: augustobrunoc@yahoo.com.br.

a historiografia dos “sem nome”, dos verdadeiramente “esquecidos” (Cf. GS, 1, 3, 1243), a história investigada por Benjamin, conforme anotações pessoais. E tal como um “porco”, que não engorda as custas de ninguém, o trapeiro recolhe seu tesouro sem nenhum custo, pois seu material é nomeadamente “lixo” para sua época.

Esse colecionador-trapeiro é diferente do “coleccionador burguês”, segundo Benjamin. O burguês colecionaria os objetos para expô-los em sua estante, cujo lugar de cada objeto guarda a etiqueta que o eterniza, procedimento que se equivale ao que se nomearia de maneira grosseira como historicista-positivista, que deseja unicamente inventariar o passado colecionando de maneira automática, de acordo com o valor que cada objeto possuía para sua época. O trapeiro, colecionador que faz uso do método materialista dialético proposto por Benjamin, ao contrário do “coleccionador burguês”, destitui seus objetos de qualquer valor, de qualquer sentido dado pela tradição; feito trapos, esses objetos estão livres para reanimar certo passado ao qual pertencem por ainda possuir atualidade. O historiador de Benjamin deveria se comportar como o trapeiro, portanto, pois o seu objeto deve ser colecionado como “trapo” [*chiffon*] para que as forças da atualidade se manifestem, e o que não tinha nome, seja nomeado.

O que interessa à teoria da história de Benjamin, no fragmento [H 1a, 2], de fato é a forma pela qual os objetos colecionados se relacionam com o colecionador, pois, como apontado inicialmente, nessa relação reside o caráter do colecionador, se burguês ou trapeiro.

A virtude do colecionador-trapeiro, assim como a virtude do Benjamin-historiador é não exigir nada além daquilo que se mostra que seu valor atual, ainda vital e manifesto. É não desconfiar exageradamente do *fenômeno*, como a filosofia desconfia desde Kant, ao menos. Nesse sentido, Benjamin é tão cínico quanto Diógenes, tal como Diógenes se corresponde ao *chiffonnier* de Paris, pois os três possuíam em comum a preferência pelas formas não-mediadas de compreensão da vida. Jean, o trapeiro de Paris de Félix Pyat, é ninguém menos que o Diógenes de Paris, segundo o próprio Pyat.

Por uma sequência direta de ideias, o *Cínico* me sugeriu *Le Chiffonnier*, a lanterna do filósofo, a vela pária; o barril, o cesto de vime; o

Doutor pela UFMG. Brasileiro, residente em Alter do Chão - Santarém, Pará. E-mail: augustobrunoc@yahoo.com.br.

desinteresse por Atenas, o devotamento por Paris. Jean era o Diógenes de Paris, como Diógenes, o Jean de Atenas. A inclinação natural de meu espírito me levava ao povo; sou atraído pelas massas; minha poética, sempre de acordo com minha política, nunca separou o autor do cidadão. (...) a arte republicana ... anunciava uma outra dinastia, a dos trapeiros. [J 88 / J 88a, 1]

Benjamin, correspondendo-se com a análise de Pyat, aproxima os métodos e procedimentos cínicos de Diógenes de Sínope dos seus próprios métodos enquanto historiador. Nada mais cínico que procurar a maneira desnecessária, a forma sobrenomeada de nomear tal coisa e desviar em direção ao meramente necessário ou ao nome mais simples e claro, imediato. Diógenes, o cínico, preocupava-se em reduzir ao máximo os desejos humanos ao necessário, e as necessidades ao mínimo possível. A acumulação de bens, portanto, era o extremo oposto daquilo que o cinismo enxergava como a virtude.

Um dia, tendo visto um garotinho que bebia usando as próprias mãos, ele [Diógenes] tira da sacola sua caneca e joga-a fora, dizendo: “um garotinho me venceu em matéria de simplicidade! Ele jogou fora também o seu prato quando viu, outra vez, um garotinho que, tendo quebrado sua gamela, ajuntava no oco de um pedaço de pão sua porção de lentilhas.”⁷

Quer dizer, a redução das necessidades por meio do abandono do acúmulo material da filosofia cínica, em uma contrapartida historiológica e teórica, poder-se-ia resumir-se na maneira que o colecionador-trapeiro lida com os objetos à sua disposição. Pois diferentemente do colecionador “burguês”, acumulador e inveterado inventariante, o chiffonnier é desinteressado, não exige dos objetos reunidos algum “valor”, mas meramente traz à luz aquilo que foi

⁷ Trata-se de trecho do relato do historiador Diógenes Laércio, traduzido por Olimar Flores (Cf. FLORES, 2006 : 179). O professor Olimar Flores resume, então, desta maneira tal doutrina cínica : “Diógenes condena, assim como os cínicos em geral, todo tipo de acumulação, de entesouramento. E não deixaria de acusar – provavelmente surpreso diante da denominação que recebeu – a doença no comportamento dos que se entregam ao ajuntamento de coisas sem serventia, da mesma forma que comparava a avareza à hidropsia: com efeito, tanto os avaros como os hidrópicos – e também os tiranos que, no dizer de Antístenes, são acometidos de uma terrível enfermidade – padecem de um mal idêntico, o de querer sempre mais daquilo de que eles já estão repletos” (FLORES, 2006, 180).

Os versos de Crates de Tebas, discípulo direto de Diógenes, o cínico, sintetizam este preceito :

*Bens gloriosos não quero acumular, buscando avidamente
a felicidade do besouro e a opulência da formiga;
mas sim dividir a justiça e recolher a riqueza
fácil de levar, fácil de achar, um lustro para a virtude.*
(Cf. FLORES, 2006, 181)

relegado às sombras, ao esquecimento que lhe é natural, deixando que sua atualidade seja liberada através do contato com sua atualidade, possibilidades de manifestação histórica adormecida.

Portanto, as semelhanças entre o trapeiro e o cínico não é apenas figurativa, quer dizer, pelo fato dos dois serem dados à pobreza, aos farrapos; o *chiffonnier* de Paris vive nas ruas, o cínico, tal como um cão, dorme em um barril; o cínico se regozija nos prazeres fugazes, simples, à mão, o trapeiro, pela necessidade, se diverte ou se distrai da mesma forma, com o vinho barato ofertado pelo mercado parisiense. Enfim, as afinidades entre os dois vai além disso. Trapeiro e cínico se correspondem teórico-filosoficamente. Ambos exigem da ausência de significado das coisas em si o seu uso mais primitivo, claro e, portanto, mais natural e imediatamente evidente.

Irving Wohlfarth, em texto sobre o historiador-*chiffonnier*, contrapõe o colecionador-trapeiro, historiador materialista autêntico, nas palavras de Benjamin, com o colecionador “burguês”, historicista-positivista, nos termos já descritos, justamente, evidenciando a potencialidade de *atualização ou revelação de algum conteúdo evidente, porém encoberto*, contido em cada método. Os dois historiadores colecionam passados. Porém, enquanto o segundo inventaria passados, inserindo-os no que Benjamin chamou de tempo “homogêneo e vazio”, ou depositando esses passados na estante do colecionador burguês, o historiador colecionador-trapeiro materialista lida com um passado particular de acordo com a dialética própria do *tempo-do-agora*. Uma das características básicas do método historicista-positivista é o esquecimento do presente que, segundo tal método, aperfeiçoa assim a empatia com o passado e potencializa o seu conhecimento, indiferente ao que ocorreu depois do passado em questão. Parte turista, parte arqueólogo, o historicista-positivista visa reviver o passado por esse ato de empatia.

There is, in other words, an *unconscious historicist*, as well as a *conscious materialist* version of the historian as rag-picker. Where the latter “blasts” (*heraussprengen*), (BENJAMIN, GS 5, 594) he finds out of the “homogeneous course of history”, rescues them their context, the former arbitrarily “picks out” (*herausgreifen*) (GS, 5, 594) some inert object, only to place it back into that continuum. (WOHLFARTH, 1986, 153)

Wohlfarth compreende o historiador colecionador-trapeiro e o historicista-positivista como, respectivamente, materialista consciente e historicista inconsciente. Consciência ou inconsciência que, segundo Benjamin, diz respeito à relação entre eficácia de compreensão do passado e tipo de material acumulado. Segundo o historicista, o acúmulo de material que possuiria “valor” para sua própria época é fundamental. O materialista (trapeiro) reconhece o “valor” enquanto impressão própria de cada época, irreconhecível pelos poucos rastros ou vestígios que sobreviveram. Isto é, a consciência que o historiador colecionador-trapeiro, espécie de Diógenes da historiografia, possui diz respeito aos limites do conhecimento do passado que sempre deve ao seu “agora”, intransmissível, o “valor” do objeto colecionado. Ou seja, trata-se da constatação de um impedimento metodológico que faz da tentativa de reviver tal passado *wie es eigentlich gewesen* [tal como propriamente aconteceu], impossível. Afinal, o significado do passado dependeria de sua atualidade. Por isso os “trapos” do *chiffonnier* aparece como vestígio mais autêntico e mais eficaz que os objetos colecionados pelo “burguês”, pois não possuem nenhuma interferência externa ao objeto que lhe imprima “valor”.

Walter Benjamin, assim, subverte a ordem da historiografia, da utilidade em direção à atualidade. O que não revela alguma desvantagem da história ou mesmo a descaracteriza de suas particularidades; bem ao contrário, Benjamin, dessa forma, demonstra algumas potencialidades que ainda não haviam sido projetadas como históricas.

REFERÊNCIAS

- BAUDELAIRE, Charles. **Les Fleurs du Mal**. Paris: Éditions Gallimard: 1996.
BENJAMIN, Walter. **Gesammelte Schriften**, Herausgegeben von Rolf Tiedemann und Hermann Schweppenhäuser, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1991. (GS)

_____. **Briefe** (2 bände). Suhrkamp: Frankfurt am Main, 1978.

_____. **Passagens**, Tradução: BOLLE, Willi; MATOS, Olga C. F.; ARON, Irene. Passagens. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BERDET, Marc. “Chiffonnier contre flâneur: Construction et position de la Passagenarbeit de Walter Benjamin”. In: __**Archives de Philosophie**, tome 75, 2012.

FLORES, Olimar. “Usos e abusos da antiguidade clássica: sobre a apropriação do cinismo grego na descrição contemporânea de distúrbios psíquicos” in: __**Aletria**, jan-jun, 2006.

_____. “PARACARATTEIN TO NOMISMA ou as várias faces da moeda” in: __**Ágora. Estudos Clássicos em Debate**, 2, 2000.

LAËRTIUS, Diogenes. **Lives of the Eminent Philosophers**. Translated by Hicks, Robert Drew (Two volume ed.). Loeb Classical Library, 1925.

PRZYBOS, Julia. “Le Mélodrame au service de l’idéologie en France et en Russie soviétique” in: __ **Lingua Romana** vol 11, issue 1, 2012.

PYAT, Félix. **Le Chiffonnier de Paris**. A. Fayard éditeur, 1847.

WOHLFARTH, Irving. “Et cetera? The Historian as Chiffonnier” in: __ **New German Critique**, no. 39, Fall, 142-68, 1986.